

---

## Mapa do contexto: apontamentos sobre um instrumento didático em construção<sup>1</sup>

Marília GEHRKE<sup>2</sup>

Fabiana FREITAS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

A partir de reflexões ligadas principalmente ao jornalismo e à possibilidade de trabalhar com hipótese em um projeto de investigação (HUNTER et. al., 2013), discutimos, neste artigo, a importância do reconhecimento e do uso de fontes para o processo de contextualização (GENRO FILHO, 2012; LÜCKMAN; FONSECA, 2017; ZAMITH, 2011), entendido como o emprego de informações adicionais a um fato específico. Em um cenário marcado pela conectividade e o excesso de informações na Web, acreditamos na necessidade de estimular o senso crítico dos estudantes e o olhar atento para as fontes e as notícias. Expomos, então, os primeiros passos da construção de um instrumento didático que denominamos de *mapa do contexto*. Entendemos que este mapa pode auxiliar nos processos de inovação e solução de problemas dentro e fora da sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; ensino do jornalismo; contexto; contextualização.

### INTRODUÇÃO

Diante de um cenário marcado pela quantidade massiva de informações à disposição da população na *Web*, acreditamos que o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes em relação às fontes de informação torna-se uma questão fundamental para a formação de opinião e compreensão dos acontecimentos da atualidade. Assim, este trabalho relata o processo de construção de um instrumento didático possível para auxiliar os estudantes na reflexão e investigação dos problemas da sociedade.

A ferramenta em construção, denominada *mapa do contexto*, vem sendo desenhada a partir de aporte teórico principalmente dos estudos de jornalismo. Somam-se a esse conteúdo as percepções coletadas durante estágio docente no curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). E-mail: mariliagehrke@gmail.com.

<sup>3</sup> Jornalista e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). E-mail: frfreitas@gmail.com.

Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os graduandos tiveram de planejar e elaborar uma reportagem na segunda metade do semestre de 2018/1. Percebemos, àquela altura, a necessidade de um instrumento didático para instigar o entendimento de um tema em perspectiva, com o reconhecimento das fontes de natureza pessoal ou documental (PINTO, 2000).

A investigação jornalística parte de uma questão a ser respondida ou esclarecida. Propomos, neste artigo, uma estruturação detalhada, aliando-nos ao que Hunter et. al. (2013) denominam de projeto investigativo. A apuração jornalística começa antes mesmo da execução do projeto de investigação propriamente dito. Trata-se de um processo que norteia desde a concepção do tema a ser trabalhado. Entendemos que, em um cenário de jornalismo em rede (HEINRICH, 2008), caracterizado pela conectividade, as formas de verificar uma informação ganham novos contornos. Dentre os elementos a serem considerados estão o uso de bancos de dados públicos para descobrir e sustentar notícias, cujos procedimentos de coleta, compilação e visualização integram o conjunto de práticas do jornalismo guiado por dados.

É preciso considerar que, neste ambiente, a consulta às fontes jornalísticas exerce um papel central. Partindo de rotinas que normalmente envolvem entrevistas com fontes humanas, ou seja, pessoas que são consultadas porque detêm certos conhecimentos ou informações, o processo de apuração tem início com a pesquisa em fontes documentais (GEHRKE, 2018; PINTO, 2000) ou fontes abertas (HUNTER et. al., 2013), de modo que seja possível sustentar ou refutar rapidamente uma hipótese – que vai dar origem ao projeto de investigação jornalística.

Os passos seguintes à elaboração de um ponto de partida para a reportagem, como mostraremos no *mapa do contexto*, estão na formação dos elementos de contextualização, ou seja, de tópicos e subtópicos que precisam ser contemplados pelo conteúdo jornalístico. São essas informações que vão dar contexto ao que será trabalhado, ou seja, que irão permitir a inserção dos acontecimentos em um lugar que lhes dê sentido (LÜCKMAN; FONSECA, 2017). A ferramenta aqui proposta tem como ponto principal justamente a necessidade de dispor os temas em um cenário que faça sentido para o leitor, levando em conta fatos anteriores e questões que precisam ser esclarecidas para a elaboração de uma reportagem qualificada.

Exploramos, neste artigo, os pilares teóricos que consideramos fundamentais para formulação desse instrumento didático. Dessa forma, começamos o texto discutindo

hipótese e fontes; na sequência, trazemos para a discussão a contextualização no jornalismo (GENRO FILHO, 2012; ZAMITH, 2011) e, finalmente, os procedimentos para busca de informações e preenchimento do *mapa do contexto*. Concluimos, por fim, que essa ferramenta pode ser útil não apenas para jornalistas em formação, mas pode servir como guia para auxiliar na busca e análise de informações na *Web* em outras áreas do conhecimento e como suporte didático para iniciativas que buscam inspirar práticas inovadoras para a solução de problemas da sociedade.

## 2 INVESTIGAÇÃO, HIPÓTESE E USO DE FONTES

Produzir conteúdo relevante e capaz de provocar mudanças sociais é um desafio constante no jornalismo. Hunter et. al. (2013) trabalham com a ideia de projeto investigativo, que se inicia com a pesquisa do tema e se estende até a publicação. Tudo começa com uma hipótese, que será aceita ou refutada com base na consulta às fontes. Os autores indicam que o processo de pesquisa comece pelas fontes abertas – o que também chamamos de fontes documentais (GEHRKE, 2018; PINTO, 2000) –, ou seja, materiais facilmente à disposição, como documentos públicos, reportagens e outros. Com base em Gehrke (2018), incluímos nesta lista as bases de dados públicas – disponíveis principalmente nos portais de transparência dos governos –, aspectos da legislação, estudos científicos, pronunciamentos de autoridades em sites de redes sociais e outras possibilidades de fontes abertas ao público e disponibilizadas principalmente na *Web*.

As fontes jornalísticas geralmente são classificadas como pessoais e documentais (PINTO, 2000) e são a quem os jornalistas recorrem para obter informações a partir de observação ou entrevista (GANS, 2004). Ainda que estejam em uma posição para testemunhar eventos, os jornalistas consultam fontes para informar o que aconteceu com base nas versões das fontes (SIGAL, 1987). O autor também entende que a notícia é resultado de um complexo processo e avalia que, por conta das rotinas, os jornalistas tendem a consultar primeiro as fontes oficiais, ou seja, representantes de órgãos governamentais, na maioria das vezes. A partir de seus estudos, Gans (2004) apresenta percepção semelhante: pela falta de tempo, um pequeno grupo de fontes, já acionado em outras ocasiões, acaba sendo aproveitado novamente.

O início do percurso de apuração jornalística para a elaboração de uma notícia inteligível ao público tem nas fontes seu papel fundamental (GEHRKE, 2018). Machado

(2006) também indica o ciberespaço como fonte, pois se trata de um lugar ao qual os jornalistas podem ocorrer para obter informações complementares às afirmações geralmente coletadas, de maneira que seja possível obter um aprofundamento em questões de interesse público.

Para Hunter et. al. (2013, p. 18), a hipótese que vai dar origem à investigação jornalística precisa ser estruturada em até três frases. “Você cria uma afirmação daquilo que pensa que a realidade é, com base nas melhores informações de que você dispõe, e, então, procura novas informações que possam provar ou refutar a sua afirmação”. Nesta primeira etapa de pesquisa e consulta às fontes, entendemos que as práticas do jornalismo guiado por dados (JGD) podem contribuir para pensar o processo de apuração. No JGD, os dados são a principal fonte da notícia e envolvem desde a coleta até a visualização de informações. A exemplo do projeto de investigação proposto pelos autores, também parte de uma pergunta, que pode ser feita a partir do olhar crítico para as fontes ou a partir de uma curiosidade qualquer que necessite de dados para ser respondida (BRADSHAW, 2017).

Ainda parece pouco comum trabalhar sob a perspectiva de projeto de investigação no jornalismo. Em geral, a ideia de pauta é mais comumente debatida e executada. Trata-se de um roteiro para reportagem (JORGE, 2008) que servirá para orientar o trabalho do repórter e do editor (PINTO, 2009) e que também exige apuração prévia. Acreditamos, no entanto, que a ideia de projeto de investigação, partindo de uma hipótese, permite que se dê mais atenção ao método jornalístico, resgatando alguma proximidade com a ciência, conforme discutido por autores como Meyer (1991) nas origens do JGD.

Hunter et. al (2013) indicam algumas vantagens no trabalho com a hipótese, pois permite que algo possa ser verificado; aumenta as chances de descobrir um conteúdo noticiável; é uma ferramenta que pode ser utilizada várias vezes; auxilia no gerenciamento do projeto como um todo; e indica que haverá uma história a ser contada jornalisticamente para além de um emaranhado de dados selecionados.

A ideia de um projeto de investigação lembra os processos de inovação, em que a tentativa e o erro (se for o caso) ocorrem de maneira rápida e permitem mudanças de percurso. Assim, a estratégia de consultar fontes abertas é, também, uma forma rápida de dar continuidade ou parar de perseguir uma história. A vantagem de se trabalhar com um projeto investigativo, para Hunter et. al. (2013), têm a ver com o fato de que o repórter consegue visualizar com mais facilidade as respostas que precisa encontrar e para que o

editor avalie se vale a pena investir na história. Além disso, permite que o jornalista consiga consultar os materiais reunidos de uma forma mais organizada.

O mapeamento de uma questão central e das fontes a serem consultadas dialogam com o processo de contextualização no jornalismo, que será explorado a seguir. Gehrke (2018) destaca que as fontes têm papel fundamental para compor o processo de identificação e contextualização que permite a compreensão do evento jornalístico. Entendemos que a atribuição de contexto a determinado fato está em mostrar os acontecimentos que levaram à atual configuração. Neste sentido, acreditamos que oferecer ao leitor um conteúdo jornalístico contextualizado é fundamental para ajudá-lo a entender o seu entorno, tomar decisões e formar sua opinião acerca de um tema.

### **3 A CONTEXTUALIZAÇÃO NO JORNALISMO**

Os fatos não ocorrem de maneira repentina e desestruturada, mas apresentam enlaces com situações anteriores e desdobramentos que virão a acontecer. Esses processos não podem ser desconsiderados no fazer jornalístico. Lückman e Fonseca (2017, p. 163) entendem que contexto remete “[...] à ideia de inter-relação de circunstâncias que acompanham um fato ou uma situação”. Dar contexto significa, sobretudo, trazer à tona acontecimentos e explicações de maneira que o público compreenda as origens de um problema.

A contextualização é aspecto fundamental da obra de Genro Filho (2012), originalmente publicada em 1987, e orienta a nossa discussão. O autor propõe o jornalismo como uma forma de conhecimento cristalizada no singular, mantendo uma relação dialética com outras duas categorias, particular e universal. É no particular, como nos mostra Teixeira (2007), que reside a ideia de contextualização, mas o jornalismo só está apto a construir o conhecimento acerca da realidade na medida em que estabelece relações entre as categorias e supera relatos breves e descuidados. A partir desta proposta, e defendendo que a pirâmide no jornalismo deveria se manter de pé – do singular para o particular e o universal, portanto –, e não invertida, Genro Filho buscava fornecer elementos para a construção de uma teoria do jornalismo. A universalidade que operacionaliza a relevância aos fatos científicos aparece somente de pano de fundo, como um horizonte na contextualização.

---

Ao buscar entender a essência do jornalismo, Genro Filho tentava viabilizar uma prática mais consciente de suas reais atribuições, desafios e responsabilidades (TEIXEIRA, 2007). Considerava o jornalismo um produto histórico da sociedade burguesa, mas que se constituiu como uma nova modalidade social de conhecimento. Pela pirâmide, o topo (e início do texto) apresenta informações singulares. Na sequência, insere-se o fato em contextos particulares com o universal como horizonte da notícia, o enquadramento do texto (PONTES, 2015). Dessa forma, Teixeira (2007) esclarece que a essência do jornalismo não está na busca pelo singular, mas em sua capacidade de contextualização.

Zamith (2011, p. 14) defende, em sua tese, que “[...] no jornalismo o contexto tem tanta ou mais importância do que o texto. De nada adianta relatar um fato com esmerada minúcia se o receptor não tiver condições de perceber em que contexto se deu esse fato”. Ele é um dos autores que pensa a contextualização no jornalismo digital. Entende, portanto, que o jornalismo contextualizado é aquele que aproveita as potencialidades da internet, considerando espaços e ferramentas.

A contextualização na *Web* implica a valorização das características específicas do meio. Se no início o jornalismo na internet era mera transposição do conteúdo de outros suportes, hoje, pelo menos em princípio, a produção é pensada de acordo com as características do meio. A simples transposição de conteúdo, sem considerar as características do meio, é, para Zamith (2011), a desvalorização da multiplicidade de características e possibilidades expressivas da internet.

O jornalismo na *Web* apresenta características que se aproximam ou que se diferem de outras plataformas. Com utilização simultânea de código linguístico, icônico e sonoro, que separadamente são utilizados por outros meios, a *Web* permite uma narrativa hipertextual e imersiva, características próprias desse ambiente (MIELNICZUK, 2003). É justamente o aproveitamento dessas particularidades que pode gerar a contextualização.

Pavlik (2001, p. 4) reuniu cinco dimensões da contextualização para o jornalismo na internet: amplitude das modalidades de comunicação, hipermídia, maior envolvimento do público, conteúdo dinâmico e customização. Para o autor, a manutenção da democracia depende de cidadãos bem informados. E o jornalismo contextualizado na *Web* apresenta ferramentas que auxiliam nesse processo, incluindo o engajamento da audiência na reportagem.

---

Acreditamos que, hoje, o jornalismo apresenta mais condições e ferramentas para fornecer ao leitor a contextualização dos temas trabalhados. Dessa forma, torna-se possível a aproximação com o que entendem Lückman e Fonseca (2017) quanto à contextualização no jornalismo: tem relação com acontecimentos anteriores dentro do mesmo tema gerador da notícia, considerando os limites de espaço e/ou tecnologias disponíveis, e informações ligadas aos antecedentes históricos e sociais do acontecimento.

O que o jornalismo apressado faz, muitas vezes, é simplesmente noticiar sem explicar quais são as consequências de determinado fato e de como se chegou a este ponto. Falta explicar o ponto de partida e o possível ponto de chegada, já que o jornalismo fica entre esses dois extremos. A elaboração de um *mapa do contexto* na preparação da reportagem e para buscar soluções de outros problemas sociais tem o objetivo de contribuir para que se pense no todo e ocorra o processo de contextualização.

#### **4 O MAPA DO CONTEXTO**

A criação deste instrumento didático para a compreensão do contexto dos fatos durante a apuração da notícia tem a ver com a necessidade de atualizar competências relacionadas à verificação da informação e a construção da narrativa na *Web*. Do ponto de vista pedagógico, nos aliamos à Mielniczuk e Träsel (2017), que propõem uma reflexão sobre o ensino como um vetor de difusão de práticas inovadoras no jornalismo, o que inclui o uso de dados na apuração de fatos, a fim de explorar diferentes métodos de trabalho e ferramentas viabilizados pelas mídias digitais.

É importante destacar, no entanto, que nossa proposta não é uma metodologia estanque ou um manual de reportagem, mas sim uma ferramenta de ensino que objetiva, ao final, a percepção, por parte dos estudantes, da complexidade do tema a ser investigado a partir do acionamento de fontes primárias e secundárias, ou seja, *antes* da estruturação da narrativa. Os primeiros testes e apontamentos desta ferramenta foram colocados em prática pelos graduandos de Ciberjornalismo 3, durante estágio docente em 2018/1 no curso de Jornalismo da Fabico, na UFRGS. Na segunda metade do semestre, os alunos precisavam propor um tema a ser investigado e elaborar uma reportagem a partir dele, considerando as características próprias da *Web* e, por isso, planejando, também, como

---

contar a história em outros formatos além do texto. O produto final é uma reportagem publicada em um site.

O ponto de partida para o preenchimento do mapa é a definição de uma hipótese a ser investigada e a escolha de palavras-chave referentes ao entorno do problema. Com essas questões definidas, os alunos buscam informações a partir das práticas do jornalismo guiado por dados (TRÄSEL, 2014), incluindo buscas avançadas na internet e consulta às bases de dados públicas. Para o exercício, são apresentadas orientações para maximizar a procura de informações direto na fonte oficial em buscadores na *Web*, bem como o uso de filtros para selecionar dados indexados por órgão ou tipo de arquivo, por exemplo (BRADSHAW, 2017).

Percebe-se, no entanto, que nem sempre os estudantes têm familiaridade sobre como as esferas e os poderes estão organizados nos governos e como essas informações estão disponíveis. Por essa razão, decidimos incluir, dentre as etapas de investigação para preenchimento do mapa, um exercício que permite a pesquisa de reportagens jornalísticas já publicadas sobre o tema, para que os alunos possam verificar como o assunto foi contemplado pelos veículos de comunicação em matérias anteriores, reconhecer fontes oficiais, bem como os enquadramentos.

A partir dos referenciais apresentados acima e da observação participante durante a utilização do mapa do contexto em sala de aula, propomos, por ora, oito etapas para guiar os estudantes no preenchimento do instrumento didático, de preferência em grupo, para estimular debates: **a)** escolha do tema a ser investigado e indicação de uma possível hipótese a ser apurada, ainda que provisória; **b)** identificação das palavras-chave da hipótese; **c)** apuração na *Web*, a partir das palavras-chave da hipótese, de notícias em veículos jornalísticos de referência; **d)** reconhecimento das fontes jornalísticas acionadas nas reportagens encontradas, delimitando caminhos possíveis de investigação através de pedidos via Lei de Acesso à Informação (LAI); **e)** acionamento das fontes documentais e busca de dados atualizados relacionados à hipótese, a fim de embasá-la ou refutá-la; **f)** apontamento de subtemas necessários para contextualizar e dar conta da complexidade do tema escolhido para investigação; **g)** reconhecimento de novas fontes para cada subtema escolhido; **h)** finalização do preenchimento do mapa do contexto com informações apuradas e percebidas durante as entrevistas.

Dessa maneira, ao estimular o reconhecimento das fontes jornalísticas, os estudantes aprendem os caminhos de apuração que devem trilhar para rastrear o contexto



---

das informações. As notícias servem como ponto de partida para compreender aspectos da sociedade e para verificar ou refutar a hipótese apontada inicialmente pelo grupo, percebendo se o tema escolhido tem força para o desenvolvimento de uma reportagem.

Outro aspecto trabalhado em sala de aula, paralelamente ao preenchimento do mapa, diz respeito à empatia no jornalismo (FREITAS; BENETTI, 2017), de modo que os alunos sejam capazes de se colocar no lugar do outro – tanto em se tratando das fontes pessoais consultadas quanto do público-alvo da reportagem. Trata-se de um exercício de consciência para a compreensão do público que está sendo contemplado.

Percebemos que, ao preencher um instrumento didático que instigue a visualização do problema real a partir de diferentes vieses, os estudantes exercitam o senso crítico perante a realidade que será retratada. Também nos parece possível que o esquema a ser construído igualmente auxilie na construção de narrativas não apenas focadas no singular e no particular, como observa Adelmo Genro Filho (2012), mas, sim, compreendendo e relatando aspectos universais, que podem ser apresentados ao leitor como complemento aos assuntos principais, sendo incluídos na narrativa especialmente através de *hiperlinks*, considerando camadas de aprofundamento a partir de características específicas do desenvolvimento de conteúdo jornalístico para a internet, caso da disciplina em que o mapa do contexto foi inicialmente testado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um dos diferenciais do jornalismo, neste cenário de excesso de informações na *Web*, está na produção de conteúdo de qualidade, moldado a partir de fatos verificados e confiáveis. Entendemos que um jornalismo de qualidade depende, dentre outros fatores, de uma apuração completa – isso inclui o olhar atento para as fontes documentais e pessoais a serem consultadas, além da elaboração de uma hipótese bem estruturada que vai orientar todo o processo de investigação. Outra premissa está na indicação de contexto, ou seja, cercar o tema principal com questões adjacentes e igualmente importantes para a compreensão do fato.

Diante disso, apresentamos, neste artigo, os primeiros passos para a construção de um instrumento denominado *mapa do contexto*, inicialmente elaborado em oito etapas como forma de auxiliar estudantes a apresentarem uma visão crítica sobre as notícias e as fontes utilizadas. Parte-se da definição de uma hipótese para então percorrer as fontes

---

jornalísticas. Paralelamente a isso, estimulamos um exercício de empatia, de modo que se compreenda, principalmente, quem é o público-alvo que se pretende atingir. Para facilitar este processo inicial, que inclui principalmente a busca de informações em bases de dados públicas e outros dados abertos, entendemos que as técnicas de apuração ligadas ao jornalismo guiado por dados são especialmente úteis. Assim, os estudantes aprendem que o JGD tem a ver, sobretudo, com práticas que devem ser incorporadas em todo o processo de apuração.

Acreditamos que instrumentos como o mapa do contexto podem ajudar os alunos a ter uma visão global do todo quando pretendem explorar um problema ou desenvolver um projeto de investigação, no caso do jornalismo. Entendemos que esta ferramenta pode auxiliar e inspirar outras áreas como um procedimento de inovação dentro e fora de sala de aula. Concluímos, por fim, que essa ferramenta pode ser útil não apenas para jornalistas em formação, mas para como guia para auxiliar na busca e análise de informações na *Web* em outras áreas do conhecimento e como suporte didático para iniciativas que buscam inspirar práticas inovadoras para a solução de problemas da sociedade e leitura crítica dos acontecimentos.

## REFERÊNCIAS

BRADSHAW, Paul. **The online journalism handbook**. 2. ed. Abingdon e Nova York: Routledge, 2017

FREITAS, Camila; BENETTI, Marcia. Alteridade, outridade e jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência. **Brazilian Journalism Research**. V. 13, N. 2, São Paulo, 2017.

HUNTER, Mark Lee et. al. **A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos**. Montevideo: Oficina Regional de Ciencias de la UNESCO para América Latina y el Caribe, 2013.

GANS, Herbert J. **Deciding what's News: a study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek and Time**. Evanston: Northwestern University press, 2004.

GEHRKE, Marília. O uso de fontes documentais no jornalismo guiado por dados. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), **UFRGS**, Porto Alegre, 2018.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2012.

HEINRICH, Ansgard. Network journalism: moving towards a global journalism culture. Public service media for communication and partnership. Mainz: **RIPE conference**, 2008.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LÜCKMAN, Ana Paula; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. Contexto e contextualização no Jornalismo: uma proposta conceitual. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. V. 14, N. 2, Florianópolis, 2017. p. 162-174.

MEYER, Philip. **The new precision journalism**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

MIELNICZUK, Luciana. Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), **UFBA**, Salvador, 2003.

MIELNICZUK, Luciana; TRÄSEL, Marcelo. Jornalismo Guiado por Dados como inovação profissional e seus desafios para a educação. **Contemporânea** (Salvador, Online), v.15, n.02, p.609-629.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. Nova York: Columbia University Press, 2001.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2009.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributo para o mapeamento do campo. [S.l.]: **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, V. 14, 2000, p. 277-294.

---

PONTES, Felipe Simão. **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

SIGAL, Leon V. Who? Sources make the news. In: MANOFF, Robert Karl; SCHUDSON, Michael (Ed.). **Reading the news: a pantheon guide to popular culture**. New York: Pantheon Books, 1987. p. 9-37.

TEIXEIRA, Tattiana. O Segredo da Pirâmide, 20 anos depois. In: AMARAL, Márcia Franz (Org.). **Olhares sobre o jornalismo: a contribuição de Adelmo Genro Filho**. Santa Maria: FACOS, 2007. p. 19-36.

TRÄSEL, Marcelo. Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social), **PUCRS**, Porto Alegre, 2014.

ZAMITH, Fernando. A contextualização no ciberjornalismo. Tese (Programa doutoral Informação e Comunicação em Plataformas Digitais), **Universidade do Porto**, 2011.